

.ARTIGO

PELA ECONOMIA CRIATIVA EM AL

EDUARDO SETTON *

Supostamente nada relacionado ao conhecimento, à cultura, à criatividade, à inovação, à tecnologia e à ciência há de prosperar, na velocidade necessária, num Estado que, historicamente, amarga os piores indicadores socioeconômicos do País, com destaque especial para os indicadores relacionados à educação.

Ouvi e ouço isso praticamente como uma constatação, dito das mais diferentes formas, por empresários, professores, políticos, economistas, enfim. É verdade que alguns verbalizam publicamente e outros não. Mas é fato que cada um de nós, em algum momento, pensa isso e sente vontade de desistir. De abandonar tudo e, simplesmente, partir.

Por ter vivido a minha vida toda praticamente dentro da caixa da Universidade Federal de Alagoas, não tinha ideia do que havia fora dela. Eis que o destino me fez Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado e uma nova Alagoas submergia na minha frente. Todos os dias empreendedores digitais, artistas, produtores de cinema, designers, chefs, jornalistas, enfim, pessoas que trazem no sangue a criatividade, a cultura, a inovação e um desejo enorme de fazer diferente na Terra dos Marechais.

No entanto, essas pessoas não são enxergadas nem pelos governos e nem mesmo pelas próprias universidades; todos dentro de suas caixas simplesmente repetindo, com nomes diferentes, velhas receitas, que não nos levaram a lugar nenhum e levaram muitos desses profissionais a brilharem em outros cantos do mundo ou ficarem por aqui mesmo tentando sobreviver com

seus extremos e raros talentos. Muitos dos que ficam, ao envelhecer, carregam consigo a natural amargura e um certo dissabor da vida no lugar que nasceram, que viveram e que amam mesmo assim.

Não são vistos como empresários, apesar de o serem. No entanto, esta palavra se aplica apenas a pessoas que construíram como riqueza o capital econômico. Logo, junto ao próprio setor produtivo são vistos como amadores. A Universidade acha que entregando o diploma cumpriu a sua missão, que a partir dali eles têm mais é que se virarem. Alguns já passam a enxergá-los como concorrentes, outros o enxergam como não detentores da tecnologia verdadeira e assim a universidade, isolando-os, isola-se ainda mais. Quanto aos governos, nada mais são do que a representação da própria sociedade com parte de suas virtudes e todas as suas mazelas. Como poderiam pensar e agir diferente? Ninguém acredita na tecnologia, na inovação e na criatividade em Alagoas.

GUERREIROS

Seguramente, muitos jovens em idade e espírito que compõem o #SururuValley estarão me criticando por este texto, dizendo que, mais uma vez, estou sendo negativo, pessimista, e por aí vai. Nunca vi pessoas com tanto potencial, aguerridos e otimistas. Acho que isso é muito bom. No entanto, já estou com 45 anos e não posso deixar de alertá-los para as dificuldades, sempre. Sobretudo por se tratar de um processo histórico-cultural. Quebrar barreiras como essa requer muito mais que o talento técnico e a criatividade. É preciso algum nível de habilida-



ARQUIVO PESSOAL

Eduardo Setton, professor da Universidade Federal de Alagoas

Quebrar barreiras requer muito mais que o talento técnico e a criatividade. Sem dúvida que o mercado da economia criativa é globalizado; mas no Nordeste, e sobretudo em Alagoas, a participação do Estado no processo é absolutamente decisiva. Não basta ajudar, é preciso não atrapalhar

de e inteligência política mesmo. Sem dúvida nenhuma que o mercado da economia criativa é globalizado; mas no Nordeste, e sobretudo em Alagoas, a participação do Estado no processo é absolutamente decisiva. Não basta ajudar, é preciso não atrapalhar. E isso acontece com relativa frequência e muitas vezes o fazem sem sequer terem a percepção sobre o erro. Um exemplo

simples: o incentivo aos arranjos produtivos locais são, supostamente, uma política de Estado desde 2004 e, no entanto, a participação efetiva deles na prestação de serviços ao Estado é mínima. E quando trazemos as grandes parcerias empresariais de fora, a expressão mais leve que posso utilizar para definir o processo quando estes chegam a Alagoas é a canibalização dos locais. E aí nossos arranjos produtivos locais viram pó. Os empresários do arranjo produtivo local de tecnologia da informação sabem exatamente do que estou falando. Nada pode ser tão criativo quanto sobreviver com economia criativa em Alagoas.

E não tenho dúvidas que essa talvez seja a grande missão e o grande desejo dos que fazem o #SururuValley: agregar pessoas que possam produzir e desenvolver inovação, tecnologia, cultura, arte e ciência, fazendo isso para o mundo, mas morando, vivendo e sobrevivendo em Alagoas. Este é o grande desafio.

[*] Professor da Ufal, www.eduardosetton.com.